

MANUAL DO PROFESSOR

Aos 7 e aos 40

Autoria

Geruza Zelnys de Almeida (CEDAC)



claroenigma

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA (CEDAC)

LIVRO
AOS 7 E AOS 40

AUTOR
JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

CATEGORIA 2
**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS
**CONFLITOS DA ADOLESCÊNCIA;
SOCIEDADE, POLÍTICA E CIDADANIA**

GÊNERO LITERÁRIO
ROMANCE

claroenigma

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Adriana Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, Geruza Zelnys de

Manual do professor — Aos 7 e aos 40 / Geruza Zelnys
de Almeida ; CEDAC. — São Paulo : Claro Enigma, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-8166-140-7

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
- II. Carrascoza, João Anzanello. Aos 7 e aos 40 III. CEDAC

18-0964

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 – Parte cj. 72

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3531

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Aos 7 e aos 40*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. O autor e a obra:** dados biográficos do autor e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidade interdisciplinar:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. O AUTOR E A OBRA

Um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos, João Anzanello Carrascoza nasceu em Cravinhos, interior de São Paulo, em 1962. Formado em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda pela Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), é também doutor em ciências da comunicação pela USP. Carrascoza, depois de trabalhar como redator, voltou à ECA como professor universitário. Atuando nessas três áreas — literária, publicitária e acadêmica —, o próprio autor se define como “um produto dessa era de hibridização da linguagem” (CARRASCOZA, 2010, p. 102).

Seu livro de estreia foi a coletânea de contos *Hotel solidão* (1994). Em 2007, também com um livro de contos, *O volume do silêncio* (2006), ganhou o prêmio Jabuti. Em 2012, com *Aquela água toda* (2012), foi reconhecido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). *Aos 7 e aos 40* (2013) é seu primeiro romance, gênero experimentado ainda nas obras *Caderno de um ausente* (2014) e *Trilogia do adeus* (2017). Os três romances tematizam a ausência em uma prosa rica em elementos poéticos.

Influenciado pela literatura latino-americana, Carrascoza foi leitor de Gabriel García Márquez, Júlio Cortázar, Jorge Luis Borges, Mario Vargas Llosa e Juan Carlos Onetti. Ainda enveredou pelos clássicos europeus, franceses, espanhóis, italianos e norte-americanos (especialmente, William Faulkner), bem como pelas obras brasileiras de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Essas referências literárias contribuíram para Carrascoza tornar-se hoje esse autor singular da literatura brasileira contemporânea.

O romance *Aos 7 e aos 40* representa a plena maturidade do escritor, pois soma experimentação formal e consolidação ficcional comum às narrativas anteriores de Carrascoza. Além disso, nesta obra, o autor explora ainda

mais o diálogo entre narrativa e recursos gráficos, que é uma de suas marcas registradas. De acordo com o escritor, o trabalho com a diagramação do livro deve-se à influência do seu percurso na publicidade: “A gente vê o espaço da letra, a tipografia, a cor, tudo isso conta. [...] Acho que esses recursos dialogam com o que quero dizer” (CARRASCOZA, 2015, p. 7).

A exploração dos recursos visuais alia-se a uma prosa repleta de lirismo. Em *Aos 7 e aos 40*, João Anzanello Carrascoza trata de silêncios e ausências, de despedidas e reencontros. É uma leitura para se fazer com ternura, esse tipo especial de afeto que pode ser definido como estar abraçado ao outro. Quando fechamos o livro, parece que ainda o sentimos junto ao peito.

Para saber mais sobre o autor, recomendamos a leitura de duas entrevistas:

- “Um camaleão chamado publicidade”, publicada na revista acadêmica *Comunicação & Informação*, da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://bit.ly/2LL81pD>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- “Miudezas poéticas”, que circulou no jornal literário *Ras-cunho*. Disponível em: <<https://bit.ly/2J53zjV>>. Acesso em: 31 maio 2018.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

Aos 7 e aos 40 é um romance sobre o cotidiano de um personagem em dois momentos diferentes da vida: aos sete e aos quarenta anos de ida-

de. Na infância, a narrativa, fluida, poética e simples, aborda episódios prosaicos como: o roubo de um pássaro no vizinho, uma partida de futebol, o quintal da casa e a relação com o irmão. Já aos quarenta, a narrativa passa a ter uma forma mais fragmentada e lida com os acontecimentos dolorosos da vida adulta: um divórcio e o distanciamento do filho. Mesclando os dois momentos com extrema delicadeza, Carrascoza brinda o leitor com um belo romance que só reforça seu já conhecido talento literário.

Esta obra pode contribuir efetivamente para a fruição e a formação leitora dos jovens leitores, uma vez que propicia aos estudantes uma experiência estética desafiadora, ao convidá-los a se movimentar por tempos e espaços diferentes e a compreender como forma e conteúdo se unem para representar as duas fases da vida do protagonista. Os procedimentos narrativos adotados pelo autor apostam na inteligência e sensibilidade do leitor, pois reproduzem o movimento ininterrupto do tempo presente ao passado, bem como estimulam o esforço reflexivo para construir os significados que ligam um tempo ao outro, a fim de diminuir esse desajuste temporal. Nesse sentido, trata-se de uma obra que requer empenho e uso de todas as habilidades leitoras conquistadas pelos estudantes ao longo do Ensino Fundamental.

Ao ler o sumário do livro, o leitor já tem uma pista da estrutura bipartida e do jogo de espelhamento por opostos elaborados pelo autor na obra. Os títulos dos capítulos apresentam-se em pares de oposições: “depressa”/ “devagar”, “leitura”/ “escritura”, “nunca mais”/ “para sempre”, “dia”/ “noite”, “silêncio”/ “som” e “fim”/ “recomeço”. A diferença entre os pares não está só no significado das palavras ou expressões dos títulos, ainda se faz graficamente no sumário. Os títulos referentes à fase adulta estão destacados em negrito.

No interior dos capítulos, o texto referente a cada um dos momentos da vida do protagonista também é marcado visualmente de modo distinto na página. As partes sobre a infância apresentam o texto dividido em parágrafos, sendo reconhecido rapidamente pelo leitor como texto em prosa. Já os capítulos sobre a vida adulta aparecem em linhas quebradas, que poderiam ser lidos, à primeira vista, como versos de um poema.

As duas fases da vida do protagonista são contadas por vozes distintas. Na infância, os episódios são narrados em primeira pessoa. No entanto, a voz narrativa não mimetiza a linguagem da criança. Ela apresenta o tempo passado, porém atualizado pelo olhar do adulto que já consegue tirar conclusões sobre os acontecimentos. Isso ocorre, por exemplo, na despedida da prima Teresa. Ele sabe que está sofrendo, todavia somente o adulto que relembra seria capaz de concluir: “Mas todo começo é grande, está numa altura acima de nós, e só se a gente continuar, se persistirmos no caminho, é que o superamos — e aí dá pra subir mais o sarrafo” (p. 54).

Já a voz que focaliza a vida adulta se dá na terceira pessoa. É como se houvesse uma dissociação entre o homem-pai, que ele é, e esse outro, que observa a si mesmo de fora:

Depois de algum tempo, as vozes se alternando
com o silêncio, tão juntos estavam que podiam
se dispersar,
e assim fizeram,
o filho ligou a tevê,
o pai foi jogar o lixo lá fora
e, ao retornar e ver o menino espichado no sofá,
assistindo a um jogo de futebol,
alegrou-se, quietamente,
[...] (p. 83)

Essas escolhas formais resultam em um romance altamente dialógico. É uma obra que apresenta um eu multifacetado. Esse sujeito que se elabora na narrativa é composto de outros: eu-menino-homem-pai. É na tentativa de transitar por esses mundos interior e exterior que esse romance aparentemente monológico, visto que se trata da mesma personagem falando sobre si, infla-se em dialogismo, ou seja, ouvimos os ecos de uma conversação do narrador lendo as personagens que criou para representar-se.

Para saber mais a respeito do conceito de dialogismo, recomenda-se a leitura do artigo: “A teoria do dialogismo de Bakhtin e a polifonia de Ducrot: pontos de contato”, de Elaine Cristina Medeiros Frossard. Disponível em: <<https://bit.ly/2L6WCPG>>. Acesso em: 31 maio 2018.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O romance *Aos 7 e aos 40*, além de recuperar o repertório leitor até então conquistado pelos estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental, pode ampliar essa bagagem ao propiciar o contato com uma prosa híbrida que incorpora o lirismo e também dialoga com as possibilidades dos recursos gráficos.

Com a mediação do professor, a leitura dessa obra pode contribuir para promover a autonomia leitora e a construção de uma experiência estética mais plena e efetiva, em consonância com as competências e habilidades inscritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para que a experiência da literatura — e da arte em geral — possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências [por autores, estilos, gêneros] e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores. (BRASIL, 2017, p. 156.)

Pela diversidade de situações propostas e por apresentar vários pontos de vista a respeito dessas circunstâncias, o gênero romance pode ser um aliado na formação dos estudantes. A leitura literária também contribui para a criação de uma “arena” discursiva onde todos podem falar sobre seus próprios conflitos sem tanta exposição pessoal. Isso porque o romance — e em especial *Aos 7 e aos 40* — coloca questões comuns à vida dos adolescentes de forma ficcional, permitindo que esses conflitos sejam trabalhados não na esfera privada, mas sim na pública.

No livro de Carrascoza, por exemplo, acontecimentos da infância, relações familiares, o primeiro amor, assim como o futebol e o passeio com o pai, possibilitam que os leitores na fase da adolescência possam pensar sobre suas próprias vidas, seja em uma diretriz de semelhança ou de diferença. Já os conflitos que se apresentam na idade adulta, como o fim do casamento, o fim das certezas sobre a vida, o amor e a falta do filho, a vida que se esfacela na busca pelo entendimento, promovem uma reflexão profunda sobre a sociedade e as políticas que regem os relacionamentos. É por isso, sem dúvida, que o gênero romance proporciona a elaboração de um pensamento sobre a cidadania e o respeito. Ao ofertar uma ampla gama de situações, convida o leitor a examiná-las e estabelecer pontes com sua experiência de vida íntima e social.

A leitura de *Aos 7 e aos 40*, por estudantes de 8º e 9º anos, justifica-se ainda pelo fato de a obra estar inserida no fenômeno da literatura *crossover*, cujo principal aspecto é o caráter dual da recepção, ou seja, destina-se simultaneamente a jovens e adultos. Ao diluir as fronteiras etárias, a obra de ficção *crossover* faz com que o adolescente consiga ir além da sua identidade psicológica e o adulto também não se sinta infantilizado na leitura.

Se, durante muitos anos, a narrativa destinada aos jovens leitores os manteve distantes de alguns temas, considerados impróprios, inadequados ou muito agressivos para serem discutidos, a literatura contemporânea ultra-

passa essas barreiras. Na narrativa *crossover*, temáticas de cariz existencial — vida, morte, identidade, perdas —, bem como a sugestão de universos fraturantes — divórcio, crise, drogas e toxicodependência, negligências — são trazidas à tona, convidando o leitor não apenas a contemplá-las, mas a refletir e a compreendê-las como situações integrantes do seu contexto. (RAMOS; NAVAS, 2015, p. 246)

O livro *Aos 7 e aos 40* é um exemplo dessa tendência, pois aborda temas que foram considerados inadequados para adolescentes, como a morte, o divórcio etc. Além da questão temática, a estrutura da narrativa também se distancia de boa parte das obras da literatura infantojuvenil, geralmente com histórias contadas em uma ordem mais linear e tradicional. Portanto, o romance de Carrascoza impõe desafios aos jovens leitores, contribuindo para sua formação e sua autonomia como leitor.

No artigo “Narrativas juvenis: o fenômeno *crossover* nas literaturas portuguesa e brasileira”, as autoras Ana Margarida Ramos e Diana Navas apresentam uma leitura esclarecedora sobre o tema, analisando a obra *Aos 7 e aos 40*. Disponível em: <<https://bit.ly/2skSZ1Y>>. Acesso em: 31 maio 2018.

Em resumo, o romance de Carrascoza, com a mediação do professor, pode colaborar para o enriquecimento do diálogo em torno de temas de interesses do estudante e, ainda, possibilita estimular diferentes habilidades específicas de Língua Portuguesa, presentes na BNCC, tais como:

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Se os momentos de encontro individual com um livro são recomendados na formação do leitor literário, não se pode desviar do fato de que o acompanhamento do professor é fundamental em leituras de obras que propõem desafios de experiência estética aos leitores. Nesses casos, a leitura compartilhada é uma opção eficaz para que os alunos sejam estimulados a perceber aspectos que talvez sejam difíceis de serem observados na leitura individual.

Recomenda-se então que o livro *Aos 7 e aos 40*, inicialmente, seja lido, pelo menos até sua metade em sala de aula (dos capítulos “depressa” até “para sempre”). O professor pode decidir, a depender do desenvolvimento da leitura, se continua com a leitura compartilhada ou não. Após o percurso com mediação, os estudantes já podem estar familiarizados com os procedimentos adotados pelo autor e se sentir seguros para o prosseguimento individual da leitura.

Também sugerimos ao professor que, a partir da segunda metade da obra, seja adotada uma alternância entre a leitura compartilhada e a leitura individual. Por exemplo, em sala, pode ser lido o capítulo “dia” e, em casa, o estudante lê o capítulo “noite”. De todo modo, vale também retomar o capítulo lido em casa na sala de aula, a fim de promover discussões de aspectos que possam ter passado despercebidos pelos alunos. Chame atenção, principalmente, para as retomadas temáticas do capítulo anterior que são tão importantes para a compreensão da transformação da personagem. É claro que, a depender do repertório leitor dos estudantes, o professor pode inverter essa ordem, pedindo a leitura individual da narrativa da infância, mais próxima do universo dos adolescentes, e realizar a leitura dos capítulos da vida adulta em sala de aula.

Porém, antes de tudo, o professor precisa explicitar que a força do romance está justamente na tensão entre os dois planos narrativos. É nesse intervalo que se elabora um terceiro texto virtualizado, produto da interpretação e do cruzamento textual, que consegue unir as duas pontas da vida.

Uma vez que isso esteja explicitado, é preciso mostrar como cada plano narrativo tem suas próprias especificidades. Utilizemos como exemplo para esse trabalho os capítulos “leitura” e “escritura”. O primeiro gira em torno da alfabetização do eu-menino:

Naquela época, eu estava aprendendo a ler e a escrever e me encantava descobrir como uma letra se abraçava à outra para formar uma palavra,

e como as palavras, úmidas de tinta, ganhavam um novo rosto, quando escritas no papel. [...] Meu irmão, mais avançado no mundo da leitura, ria às soltas, zombando dos meus erros. Uma tarde ao ouvi-lo caçoar de mim, minha mãe o lembrou das dificuldades que ele tivera e disse, *Você também errava muito!*, e afirmou que aquele bê-á-bá era apenas o começo, um dia ele e eu iríamos ler não só as palavras, mas tudo ao nosso redor, inclusive as pessoas. (p. 19)

Sugerimos que destaque para os estudantes como o foco narrativo em primeira pessoa incorpora o discurso direto da mãe. Isso não ocorre com o uso do travessão, como comumente ocorre nos diálogos, mas com a marcação do texto em itálico dentro do próprio discurso do narrador. Esse procedimento evidencia como, no resgate da memória, as lembranças dos fatos se processam junto com os julgamentos e as apreciações do narrador em um fluxo discursivo contínuo.

Já no capítulo “escritura”, lemos:

Enquanto esperavam no pronto-socorro, o filho
debruçado no colo da mãe,
o homem,
com o radar ligado,
lia as pessoas ao redor,
tentando descobrir quem ali era doente,
quem acompanhante,
desviando-se de pensar naqueles que, em quartos de
UTI, nos andares acima, estavam morrendo. (pp. 31-2)

Observa-se que, nos capítulos dedicados à vida adulta, o foco narrativo é em terceira pessoa e a disposição gráfica já não é a mesma. Mas há outros aspectos a serem apontados nesse breve fragmento. O primeiro e mais óbvio,

porque relacionado ao tema da alfabetização, é que nele se concretiza o processo de leitura previsto pela mãe: agora o “homem” que também é “pai” lê as pessoas. Se tomarmos isso em um sentido mais amplo, veremos que não é somente o “homem” que aprendeu a ler as personagens, mas também esse homem apresentado está sendo lido pelo narrador distanciado em terceira pessoa. E, em última instância, nós estamos, junto com ele, aprendendo também a ler todas essas camadas.

Nesse sentido, ocorre uma espécie de *mise en abyme*, ou seja, a reprodução especular de uma situação narrativa vista em profundidade, como se, durante a leitura, caíssemos em um abismo de situações duplicadas ou encaixadas em outras situações semelhantes.

Mas, se a questão temática da obra *Aos 7 e aos 40 anos* parece ser mais evidente, a questão estrutural deve ser abordada com perguntas que levem à indução das respostas por meio do processo reflexivo:

- Por que a configuração é fragmentada nos capítulos referentes à vida adulta?
- Por que o autor fratura o texto a cada vírgula, uma vez que nos capítulos sobre a infância, apesar do excesso de vírgulas, não há esses cortes?
- E os espaços em branco, o que representam?
- Por que os vazios e os silêncios assomam no texto da vida adulta?

O termo francês *mise en abyme* é usado para denominar um recurso literário que consiste em inserir, no interior da obra principal, outra obra que retome de maneira mais ou menos fiel as ações ou temas da obra principal. Por exemplo, em *Hamlet*, de William Shakespeare, em determinado momento, um grupo teatral encena uma peça que remete ao enredo da própria peça *Hamlet*.

Aos poucos, essas questões se transformarão nas próprias respostas: os vazios e os silêncios no texto se materializam nos vazios e silêncios que o homem foi construindo ao longo da vida.

Para que os estudantes possam perceber essa característica, sugere-se que o professor faça uma leitura em voz alta respeitando o ritmo imposto pelo texto, pausando ao final das frases, demorando-se mais quando aparece um espaço de silêncio ou de vazio no texto. Desse modo, os alunos podem inferir que a narrativa, assim como os poemas, possui um ritmo próprio que revela o estado do narrador.

Como distinguir, então, prosa e poema? Deste modo: o ritmo se dá espontaneamente em toda forma verbal, mas só no poema se manifesta plenamente. Sem ritmo, não há poema; só com o mesmo, não há prosa. O ritmo é condição do poema, enquanto que é inessencial para a prosa. Pela violência da razão, as palavras se desprendem do ritmo; essa violência racional sustenta a prosa [...]. (PAZ, 2012, p. 11)

Carrascoza, portanto, procura dar um ritmo específico à sua prosa. Lendo esse “ritmo” na narrativa, podemos perceber, pelos marcadores de pausas e silêncios, certo cansaço, certo desencanto, certo desejo de o protagonista recuperar aquilo que “falta”. Mas o que falta, ou seja, ele mesmo enquanto menino, é recuperado nos capítulos memorialísticos, onde tudo se agrupa.

Nos capítulos “leitura” e “escritura”, ocorrem ainda dois outros eventos que, por um lado, se aproximam, e, por outro, se distanciam, e que ajudam a compor o perfil do narrador da obra. Em “leitura”, o garoto participa de um jogo de futebol; em “escritura”, o homem vai ao encontro de amigos para assistir a uma partida de futebol. Nota-se, com clareza, que a posição ativa do garoto, que brinca e participa efetivamente do jogo, contrapõe-se à postura de observador passivo que não pode interferir no andamento do campeonato.

Não é à toa que esse capítulo se chama “escritura”, pois a leitura ativa pressupõe uma escritura, mesmo que virtual, ou seja, uma reescrita do que se lê a partir da interpretação daquilo que se apresenta. Isso é o que os estudantes também realizarão ao comparar um plano narrativo e outro, interpretando e investigando esses aspectos mencionados: eles estarão fazendo a escritura de uma terceira história silenciada na fratura temporal.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

É importante que, antes da leitura, os estudantes sejam sensibilizados para o texto que irão ler. Por isso, recomenda-se discutir temas, criar questões estimulantes ou desenvolver trabalhos que não soem como pretexto para a leitura, mas que os enriqueça com novos saberes, e, principalmente, desperte o desejo acerca do livro a ser lido.

Como se trata de uma obra em que a passagem do tempo é central, com um intervalo marcadamente longo entre a infância e a idade adulta, sugere-se que o professor aborde essa temática a partir de uma atividade de “Antes e depois”. Pode-se utilizar imagens de personalidades em dois momentos distintos: infância e fase adulta atual. Para despertar a curiosidade dos estudantes, vale selecionar fotos de pessoas relacionadas ao universo adolescente, por exemplo, um(a) artista conhecido(a) na atualidade, um(a) jogador(a) de futebol etc. Na internet, há vários sites que apresentam o antes e o depois de personalidades. Com as imagens selecionadas e coladas em um painel, proponha uma leitura das imagens e faça algumas perguntas:

- Quais eram os desejos das crianças?

- Esses desejos se realizaram?
- Elas poderiam prever o que aconteceria no futuro?
- E os adultos estão realizados? Felizes?
- Há correspondência entre as duas fases da vida?

O intuito da atividade é que os estudantes opinem livremente, mas também comecem a desconfiar das imagens divulgadas na mídia, refletindo sobre o fato de que as histórias de vida são repletas de percalços.

Outra sugestão de atividade pré-leitura é solicitar aos estudantes que tragam, para a sala de aula, fotografias de “antes e depois” de um parente ou pessoa próxima. Além das fotos, os alunos devem perguntar a essas pessoas, tomando notas, sobre o que elas faziam e com o que sonhavam quando eram crianças. Em sala de aula, de posse dessas anotações, eles podem escrever uma carta da criança contando seus desejos para ela mesma quando adulta. Ao final da leitura das cartas, o professor pode perguntar se aquele adulto conseguiu realizar os pedidos da sua criança. Essa conversa deve ser leve, pois intenta motivar uma reflexão mais interior e sensível.

Depois disso, o professor poderá apresentar o livro *Aos 7 e aos 40*, comentando que se trata de um exercício literário semelhante ao que eles fizeram com as fotos. Então faça o convite para que os alunos conheçam a obra e as especificidades do gênero romance.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

A sugestão para esse momento pós-leitura, em que o livro já foi amplamente discutido temática e estruturalmente, é a retomada da atividade inicial sobre o “antes e o depois”, agora atravessada pela profundidade reflexiva e poética do livro *Aos 7 e aos 40*, de Carrascoza. E, para problematizar e lidar efetivamente com as questões temporais e identitárias, propomos um “Laboratório de escrita criativa”.

A ideia é que os estudantes tratem agora de suas próprias experiên-

cias quando crianças. É importante ressaltar que esse exercício não se configura como uma repetição do anterior, mas se trata de um desdobramento, agora com uma proposição mais reflexiva, crítica e estética, sob o impacto da leitura.

Propõe-se que, para essa aula, os alunos levem cola e tesoura, além de folhas de sulfite. O professor deve sensibilizá-los para a criação textual a partir do fragmento a seguir:

E, afinal, o que ele desejava?

Reviver?

Mas tudo — adianta não admitir? —, tudo é um viver

único, de uma só vez, sem repetição...

Então, morriam nele, uma a uma, aquelas lembranças,

justamente ali, onde haviam nascido.

Eram todas a sua história, o que lhe restava além das

duas mãos, uma riqueza por tantos anos acumulada

e que, agora, evaporava à luz de sua consciência

— aquele passeio pela cidade era uma hora final.

Mas, também, de reinício;

dali em diante ele se saindo da placenta úmida, um

novo velho menino. [pp. 103-4]

Por meio dessa inspiração poética na qual se elaboram complexos conceitos sobre a memória, a importância do momento presente, o esquecimento, a trajetória pessoal, o que se leva da vida, a esperança renovada, a unificação criança-adulto como pai e filho de si mesmo (ou mãe e filha de si mesma), recomendamos que proponha uma roda de conversa. Ao final, os estudantes podem contar episódios da infância e suas expectativas. Depois, a ideia é que eles pensem sobre essa “gestação” tratada no final do fragmento: o gestar-se a cada momento para seu vir a ser futuro.

Na sequência, os alunos serão convidados a escrever um texto, em terceira pessoa, ou seja, ao modo do narrador adulto do livro, porém, não necessitando que seja da mesma configuração: a forma narrativa pode ser em poesia ou prosa. Caso o professor julgue mais adequado, a depender dos conteúdos trabalhados no bimestre, pode-se pedir que escrevam em forma de carta novamente, porém agora do adulto para a criança que mora nele.

Sugere-se que as composições fotográficas, acompanhadas pelo texto de autoria individual, sejam expostas no mural da escola, ou nas paredes da sala de aula. A exposição pode se chamar “Do antes e do depois”.

6. POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR

ARTE

Levando em consideração que o autor João Anzanello Carrascoza também atua como professor no campo das artes midiáticas, parece oportuno propor uma atividade interdisciplinar com Arte, pois, nos anos finais do Ensino Fundamental, segundo a BNCC, “é preciso assegurar aos alunos a ampliação de suas interações com manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2017, p. 203) e que tais “práticas podem ocupar os mais diversos espaços da escola, espalhando-se para o seu entorno e favorecendo as relações com a comunidade” (BRASIL, 2017, p. 203).

O documento ainda destaca que nessa faixa de escolaridade a ênfase deve ser:

[...] maior sistematização dos conhecimentos e na proposição de experiências mais diversificadas em relação a cada linguagem, considerando as culturas juvenis. Desse modo, espera-se que o componente Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens — e

no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento —, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas. [BRASIL, 2017, p. 203.]

Nesse sentido, propomos, como atividade complementar àquelas realizadas nos itens anteriores, a produção de uma breve entrevista, pode ser com familiares selecionados entre aqueles que figuram nas fotografias, ou, preferencialmente, com funcionários da escola. Para isso, os estudantes devem se basear em duas perguntas:

- 1.** Qual é a lembrança mais querida da sua infância?
- 2.** Qual é a sua expectativa, ou os sonhos, para o futuro?

Para orientar as entrevistas, sugere-se que o professor apresente modelos aos estudantes, preferencialmente com o autor da obra lida por eles, a fim de ampliar as referências sobre Carrascoza. Indicamos a seguir sugestões de entrevistas:

- 1.** *Encontros de Interrogação*. Disponível em: <<https://bit.ly/2HbuHMn>>. Acesso em: 1 jun. 2018.
- 2.** *Projeto Entrevista Aberta*, na FNAC Pinheiros. Disponível em: <<https://bit.ly/2Hb8n5i>>. Acesso em: 1 jun. 2018.
- 3.** *Programa Provocações*. Disponível em: <<https://bit.ly/2L9Ha5B>>. Acesso em: 1 jun. 2018.
- 4.** *Canal Livrada!* Disponível em: <<https://bit.ly/2smzA08>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

A entrevista deverá ser gravada na câmera do celular e, depois, ser exibida na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- CARRASCOZA, João Anzanello. “Miudezas poéticas”. *Rascunho*. Curitiba, pp. 6-7, fev. 2015. Entrevista a Márwio Câmara. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002733284.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- _____. “Um camaleão chamado publicidade”. *Comunicação & Informação*. Goiânia, v. 13, n. 1, pp. 102-9, jan./jul. 2010. Entrevista a Lara Satler. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/19316/11268>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- RAMOS, Ana; NAVAS, Diana. “Narrativas juvenis: O fenómeno *crossover* nas literaturas portuguesa e brasileira”. *Elos: Revista de Literatura Infantil e Xuvenil*. Santiago de Compostela, n. 2, pp. 233-56, 2015. Disponível em: <<http://www.usc.es/revistas/index.php/elos/article/view/2745/pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2018.